



MATA HARI SEDUZIA HOMENS INFLUENTES PARA CONTAR OS SEUS SEGREDOS AOS ALEMÃES, DURANTE A I GUERRA MUNDIAL, OU FOI FUZILADA INJUSTAMENTE? O MISTÉRIO CONTINUA. CERTO É QUE, ENQUANTO BAILARINA E PROSTITUTA, MUITAS CONVERSAS ANDARAM PELA SUA CAMA

Histórias de alcova

No passado, no presente e, com certeza, no futuro, haverá sempre episódios para contar relacionados com a cama. Aqui se deixam oito, desde o século XII ao XXI

TEXTO DE ANABELA NATÁRIO

Por amor e interesse

Esteve casada 16 anos, andava a guerra de castelo em castelo. Quando enviuvou, teria pouco mais de 30 anos, resolveu prosseguir a luta do marido pela constituição de um reino. Herdara as terras do pai, Afonso VI de Leão, delas não abdicaria e, se lhes juntasse outras, melhor. Porque não ser rainha se a sua irmã o era? Dizem os cronistas que Urraca tinha outra espécie de ciúmes, não gostara de ver a irmã bem casada, enquanto ela enviuvava, voltara a casar e separara-se...



Sem contar com o facto de poucos homens gostarem de ver uma mulher no governo, **Teresa** sofria pressões diversas: por um lado, havia os magnatas galegos que pretendiam fazer da Galiza e Portucale um só reino, por outro, os barões portucalenses que julgavam ter direito a um reino por eles influenciado. E à condessa agradava-lhe mais a ideia dos primeiros. O estreitar da sua relação com os galegos terá começado em 1116, quatro anos após a morte do conde Henrique, quando comandou o exército contra a irmã, em defesa do sobrinho Afonso Raimundes, futuro rei de Leão e Castela, cujo tutor era o patriarca dos Trava.

A guerra terminou, mas ela não regressou logo a casa e, durante meses, percorreu o território na companhia dos Trava, pai e filhos. A notícia de que os mouros atacavam os seus domínios forçou-a a rumar a Coimbra, onde infligiu uma derrota ao emir de Marrocos. A tranquilidade voltou ao 'reino', a 'rainha' vedou a sua cama a Bermudo e abriu-a ao outro irmão, mais novo alguns anos, casado, facto que impediu o seu matrimónio mas não que o nome de Fernão de Trava passasse a figurar ao lado do de Teresa na administração do condado Portucale.

Ficaremos sempre na dúvida se Teresa e Fernão se uniram por amor ou se se tratou de uma conveniência mútua. Os Trava queriam casá-la de modo a que a autoridade do seu futuro rei não fosse contestada, ela precisava de apoio masculino para conseguir coroar-se rainha da Galiza e Portucale. Romance ou não, casamento ou acordo civil, é com Fernão que prossegue a ideia de autonomia, combatendo contra seu filho Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal.

Unidos pelo leito

“Comiam todos os dias à mesma mesa e do mesmo prato, e nem à noite o leito os separava”, escreveu no século XII Roger de Hove-

den. O cronista falava do francês Filipe II e do inglês **Ricardo**, oito anos mais velho, que ficará na história com o cognome de Coração de Leão. “O rei de França amava-o com toda a sua alma e queriam-se tanto um ao outro que o rei de Inglaterra (pai de Ricardo) estava absolutamente surpreendido e maravilhado com o amor apaixonado que havia entre eles.”



O rei de Inglaterra deve ter ficado ainda mais surpreendido quando o filho pediu ajuda ao rei de França, em 1188, para contra si combater e impedir a invasão do ducado da mãe, Leonor da Aquitânia, com quem o príncipe crescera nessa região oriental francesa... Os dois reinos nunca foram amigos, mas a rivalidade aguçara-se no tempo do pai de Filipe, Luís VII, na altura casado com Leonor, que mais tarde se deitará com Henrique II, tem ela 30 anos e ele 19.

Os cronistas afirmam que a união de Filipe II ao futuro Ricardo I, Coração de Leão, no campo de batalha, poderá a cama explicá-la. E que por esta também passará o motivo pelo qual se zangaram durante a terceira cruzada. Ricardo, parece, nunca será homem de um homem só e, enquanto combatia “os infiéis”, muitos faria passar pela sua tenda, todavia, será um em especial, Raife de Clermont, por



GETTY IMAGES/THE BRIDGEMAN ART L

RICARDO I DE INGLATERRA E FILIPE II DE FRANÇA (AQUI NUMA PINTURA DE MERRY-JOSEPH BLONDEL) AMIGOS NO CAMPO DE BATALHA PORQUE PARTILHAVAM A MESMA CAMA? OS CRONISTAS DIZEM QUE SIM, E QUE SE ZANGARAM POR CAUSA DE UM AMANTE DE CORAÇÃO DE LEÃO

quem arriscará a vida quando este for feito prisioneiro, que levará o rei de França a abandonar a cruzada e a apoiar o irmão do ex-amigo na tentativa de lhe usurpar o trono. Os cronistas também contam que o ‘empate’ no confronto dos exércitos resultante no acordo assinado entre Ricardo I e Saladino, poderoso senhor dos muçulmanos, foi uma combinação de amantes feita na tenda do sultão, onde por diversas vezes se encontraram.

De irmão para irmão

A frota de dez navios que trazia *mademoiselle* d'Aumale, como era conhecida a prima de Luís XIV de França, o rei Sol, fundeu ao largo da praia da Junqueira, ao fim de um mês de viagem, no verão de 1666. **Maria Francisca**, de 20 anos, chegava a Lisboa pa-

ra partilhar o leito de Afonso VI, de 23, mas era rainha de Portugal há cinco meses, desde a assinatura do tratado de casamento, por conveniência do reino em se aliar a inimigos dos seus inimigos castelhanos.

Mas logo nessa noite a cama ficou apenas ocupada por metade. O rei, dizendo-se muito cansado, fechou-se nos seus aposentos e só uns dias depois acedeu a deitar-se com a esposa. Foi sol



de pouca dura, a rainha disse se queixará, no entanto, ficou grávida em dezembro, abortando aos quatro meses, conforme o seu secretário e o seu confessor informaram o rei de França. Resta saber se Maria Francisca engravidou do marido, de quem se dirá preferir partilhar a cama com rapazes, embora goste de ‘brincar’ com raparigas, ou se do cunhado...

É Pedro, filho mais novo de João IV e de Luísa de Gusmão, quem está a seu lado quando recupera a saúde. Mais novo um ano do que a rainha, moreno e encorpado, é muito diferente do irmão louro, de fraca figura, com o lado direito tolhido por umas febres tidas em criança. E os cunhados começam a partilhar o leito, usando-o especialmente para conspirar, primeiro contra o todo-poderoso primeiro-ministro, o conde de Castelo Melhor, depois contra o rei.

Em poucos meses, a “cabala francesa” como lhe chamou o embaixador inglês, é posta em ação e Afonso VI afastado do trono, acusado de impotência tanto no governo do reino como no matrimónio. Em 1668, a rainha transforma-se em princesa para partilhar o leito, oficialmente, com o príncipe regente Pedro, embora o seu casamento anterior só seja anulado no ano seguinte. Maria Francisca Luísa



Os cunhados começam a partilhar o leito, usando-o especialmente para conspirar contra o poderoso primeiro-ministro e contra o rei



Mata-Hari não fazia distinção entre os amantes que passavam pela sua cama, não lhe importavam nacionalidades nem simpatias políticas...

Isabel de Nemours, de Aumale e de Saboia só voltará a ter coroa quando o primeiro marido morrer, em 1683, mas a morte surpreendê-la-á quatro meses depois.

Nesta mando eu!

A sua cama era bastante cobiçada, especialmente pelos jesuítas. Isto é, o que os religiosos pretendiam era controlar-lhe o leito, em particular qualquer hipótese de oficializar a partilha e verem o negócio debandar. Inês possuía uma fortuna invejável, mas, se não se casasse, podia deitar tudo a perder. A lei assim obrigava, na verdade, não precisava de ninguém para lhe gerir os negócios e muito menos estava interessada em largar o modo de vida que conquistara para se tornar numa dócil esposa, confinada às tarefas domésticas. Quando o século iniciava a segunda metade, Inês Grácias Cardoso, nascida na Índia portuguesa, em Goa, depois de 1720, já enviuvara duas vezes e arriscava-se a deixar fugir a exploração a prazo dos inúmeros hectares que a coroa portuguesa, interessada em cativar povoadores, concedera ao pai, no **vale do Zambeze**, e que ela herdara.



O problema é que as prazeiras eram obrigadas a casar com súbditos portugueses se não queriam perder as terras. E Inês gostava de escolher quem deitar na sua cama. A dada altura, propuseram-lhe o candidato ideal: o ex-governador de Macau, que se encontrava numa posição delicada, fora destituído, acusado de ter assassinado dois chineses. O casamento celebrou-se por procuração em 1753, em Goa, onde António José Telles de Meneses se encontrava desterrado.

Apesar de lhe ter chegado aos ouvidos uns zunzuns sobre as incapacidades sexuais do militar, recebeu o terceiro esposo em casa, deu-lhe dinheiro e uma parte das terras, segundo o acordado. Viveram juntos seis meses. O caráter agressivo do marido e as intrigas geradas pelos jesuítas fizeram-na pedir o divórcio alegando que António José “não era hábil para o tálamo conjugal”, era um homem violento, muito ciumento, batia-lhe e ofendia-a verbalmente. O homem não desistiu até conseguir que “todos os cirurgiões da praça” atestem a sua virilidade, sendo absolvido da acusação de impotência pelo

Juízo da Administração Episcopal de Moçambique. Inês viveu mais quatro anos, os mesmos que levou a vingar-se do marido, matando todos os que o apoiaram.

Segredos na almofada

Margaretha Geertruida Zelle nasceu em 7 de agosto de 1876, em Leeuwarden, na Holanda, numa família rica que acabou na falência. Aos 41 anos foi presa, julgada em conselho de guerra, e fuzilada na cidade de Vincennes, em França. A acusação é mais do que conhecida: espionagem a favor dos alemães durante a I Guerra Mundial. E onde exercia ela essa atividade? Na cama, com oficiais de ambos os lados. Antes de chegar a este ponto, Margaretha era professora, casada e com dois filhos, vivendo



com o marido, o violento capitão Rudolph MacLeod, mais velho 20 anos, na ilha de Java, na altura colônia holandesa.

O casamento durou seis anos, entre 1895 e 1902, rompeu-se já no regresso à Europa, depois da morte de um dos filhos ainda criança. No ano seguinte à separação (o divórcio só se efetivará em 1907) instala-se em Paris. E, em dois anos, dará uma reviravolta na sua vida, transformando-se, primeiro, na dançarina Lady MacLeod e, depois, na famosa **Mata Hari**, dizendo-se, para aumentar o exotismo, nascida nas Índias holandesas, filha de um rajá e de mãe indiana.

A sensual Mata Hari dançava seminua ao jeito oriental e a clientela masculina não falhava, em especial a da classe alta e os militares. E não parecia fazer distinção entre os amantes que passavam pela sua cama, não lhe importava nacionalidades nem



CHRISTINE KEELER
FICOU FAMOSA APÓS A SUA RELAÇÃO COM JOHN PROFUMO, QUE, EM 1963, SE VIU OBRIGADO A DEMITIR-SE DO CARGO DE PRIMEIRO-MINISTRO. É QUE A “CALL GIRL” SUA AMANTE TAMBÉM SE DEITAVA COM O ADIDO NAVAL DA EMBAIXADA SOVIÉTICA...

HULTON-DEUTSCH COLLECTION/CORBIS

simpatias políticas... até porque se tratava também de uma fonte de rendimento. Esgotado o filão em Paris, onde a fama lhe deu páginas de jornais, partiu para Berlim, onde foi surpreendida com o início da guerra, mas conseguiu fugir para Amsterdão. Aqui, não larga a sua forma de estar, e começa a andar com um barão, oficial de cavalaria, que lhe paga todas as contas mas não a impede de ter outros amantes.

Margaretha negará até ao fim ter usado a sua cama para passar segredos aos alemães, afirmando-se espia para o lado francês. Ainda hoje, há quem pense que a sua condenação se deveu a falsos testemunhos e à necessidade de arranjar culpados.

Insegurança nacional

Numa noite de verão, 30 convivas da alta sociedade britânica divertem-se numa festa na mansão Cliveden, a meia centena de quilómetros de Londres. Os anfitriões



são os poderosos viscondes de Astor, William e a sua terceira mulher Bronwen, modelo, musa inspiradora do costureiro

Pierre Balmain. À volta da piscina, corre nua uma jovem de 19 anos. É a acompanhante do osteopata Stephen Thomas Ward, médico do dono da casa e de muitas outras personalidades dos anos 1960.

John Profumo, ministro da Guerra inglês, presente com sua mulher, não consegue despregar os olhos da atrativa Christine Keeler... A relação com a *call girl* começa nessa noite de julho de 1961. Não era a sua primeira amante. O filho do barão Profumo está com 46 anos, é um conhecido mulherengo, um convidado habitual das festas da alta sociedade.

Tudo corria bem até que, em dezembro de 1962, um tiroteio envolveu dois outros amantes da prostituta e a imprensa começa a investigar... abreviando, a conclusão paralela é, no mínimo, embaraçosa: Christine deita-se com o ministro de Guerra, mas também com o adido naval Yevgeni Ivanov da embaixada soviética, suspeito de ser espião. Os tempos são de Guerra Fria, teme-se que tenham sido passados segredos em conversas de almofada. John ainda negou a relação. Dois anos depois da festa, no dia 5 de junho de 1963, o ministro demitiu-se. Foi acusado de pôr em

perigo a segurança nacional. Christine ganhou fama, transformou-se numa celebridade e escreveu vários livros sobre o caso. Ficou célebre a sua fotografia sentada “tecnicamente nua”, protegida pelas costas da cadeira desenhada por Arne Jacobsen.

O “Affaire Dumas”

No intervalo de uma ópera, em Nova Iorque, ela convence-o a alterar a viagem do Presidente francês ao Médio Oriente para que a petrolífera ELF concretize um negócio. Ela é Christine Deviers-Joncour, de 44 anos, e ele

CHRISTINE DEVIERS-JONCOUR EXPLICOU A SUA RELAÇÃO COM O MINISTRO FRANCÊS NUM LIVRO QUE INTITULOU “A PUTA DA REPÚBLICA”... A OBRA TRANSFORMOU-A NUMA ESTRELA DE DEBATES E CAPAS DE REVISTA SOBRE O ESCÂNDALO POLÍTICO-FINANCEIRO “AFFAIRE DUMAS”



Roland Dumas, de 69, seu amante e ministro dos Negócios Estrangeiros, e esta história de alcova passou-se há relativamente pouco tempo... O caso ficou conhecido como o “Affaire Dumas”, mas aguentou-se no segredo dos lençóis durante sete anos. E



soube-se porque a protagonista resolveu publicar, em 1998, a sua autobiografia “La Putain de la République”, quando Roland é presidente do Conselho Constitucional, quinta figura do Estado francês.

“Estás aqui por minha causa ou pela ELF Aquitaine?”, perguntou-lhe ele uma vez. “Dúvidas de que sempre estarei aqui por ti?”, res-



Christine foi contratada para se meter na cama do ministro, com um salário de 50 mil francos mensais, cartão de crédito ilimitado e comissões...

pondeu-lhe ela. Christine reproduziu o diálogo para provar que o ministro de Mitterrand sabia perfeitamente a razão da sua presença. Mas caso desconhecesse, o livro acabar-lhe-ia com as incertezas, já que a autora ali desvendava ter sido contratada pela ELF para se meter na cama de Roland, com um salário de 50 mil francos mensais (quase 8000 euros), cartão de crédito ilimitado e comissões por cada influência bem sucedida, as quais lhe renderão, entre 1991 e 1992, 28 milhões (4,2 milhões de euros) depositados na Suíça.

O primeiro pagamento, segundo a própria, destinou-se à entrada na compra de um apartamento de 320 metros quadrados em Paris, no valor de 17 milhões de francos, onde Christine passou a viver e a dar jantares e festas para melhor exercer a atividade de lóbi, centrada, é claro, na pessoa do socialista conhecido na sociedade francesa, antes do seu cargo ministe-

rial, por ser um sedutor e ótimo advogado... O enriquecimento súbito de Christine deu nas vistas, o caso começou a ser investigado, e ela esteve presa cinco meses, acabando por ser acusada de “recetação de abuso de bens sociais”. O processo foi parar aos tribunais, em causa estaria também um negócio de quase dois mil milhões de euros com a venda a Taiwan de umas fragatas de guerra, que os juízes deixaram cair. Os intervenientes foram condenados, em 2001, a penas de prisão e ao pagamento de indemnizações. Dois anos depois, o Supremo aliviaria a sentença.

“Plamegate”

Valerie Plame era, para os amigos e conhecidos, uma loira bonita, muito feminina, sempre bem arranjada, com um emprego ligado

às finanças, um marido ex-embaixador que se dedicava à consultoria, dois filhos ainda crianças e uma casa com alpendre nos subúrbios de Washington. A família tinha uma existência pacífica, igual a tantas outras até ao dia 13 de julho de 2003.

Quando, nessa manhã, **Joseph C. Wilson** regressou ao quarto e atirou para cima da cama um jornal, Valerie, estremunhada, sentiu “um murro no estômago”, como a própria contará ao Congresso americano, rompendo um silêncio de quatro anos. Até ali, ninguém suspeitava da vida dupla da mãe dos gémeos, mas o artigo do jornalista conservador Robert Novak expunha ao público a sua verdadeira profissão — agente secreta da CIA —, citando dois funcionários governamentais. Só mais tarde, após uma conturbada investigação, se soube que se tratava de Lewis Libby, braço-direito do vice-presidente Dick Cheney, e de Karl Rove, principal assessor de Bush.

O artigo saía oito dias depois de Joseph ter publicado um texto no “New York Times” acusando o governo de forjar relatórios, querendo implicar a CIA, para provar a existência de armas de destruição massiva. Ele sabia o que dizia, aliás, escreveu-o porque não gostou de ouvir Bush mentir sobre a compra de urânio pelo Iraque ao Níger, três meses antes de lançar o ataque a Bagdade. É que Wilson, dado ter feito quase toda a carreira diplomática em África, e só por isso, fora enviado pela CIA ao Níger e trouxera provas de que o gabinete de Dick Cheney inventara a informação. Mas os homens do Presidente não tiveram pejo algum em denunciar Plame, e o seu trabalho no departamento de armas de destruição massiva da CIA, pondo em risco a família, os agentes e suas redes, para desacreditar a informação de Wilson. Novak, por eles industriado, contara que fora Valerie quem sugerira Joseph, de modo a manipularem a investigação.

A família perdeu o sossego e os amigos, sofreu ameaças, deixou de ter trabalho... Refugiados no Novo México, libertados da prisão e precisados de dinheiro, acabaram por vender os direitos da sua história para um filme. “Fair Games” (“Jogo Limpo”), do realizador Doug Liman, com Naomi Watts e Sean Penn no papel do casal, estreou em 2010. ■

anatario@expresso.impresa.pt



FRANÇOIS DURAND/GETTY IMAGES

VALÉRIE PLAME DEU A CONHECER A SUA PROFISSÃO AO MARIDO, DESDE QUE CASARAM. EM 1998, NO ANO SEGUINTE A SE TEREM APAIXONADO À PRIMEIRA VISTA NUMA FESTA NA EMBAIXADA DA TURQUIA NA CAPITAL DOS EUA. MAS NÃO FALAVAM SOBRE ISSO